

## “Encolhendo Cabeças: Os Desenhos Animados e a *Revista Adventista*”<sup>1</sup>

Leonardo Holanda e SILVA<sup>2</sup>

Fernando de Jesus ALMEIDA<sup>3</sup>

### RESUMO

Iniciada em 1906 a *Revista Adventista* vem a mais de um século sendo o principal meio de comunicação e formação de opinião dentro da IASD<sup>4</sup> no território brasileiro. Em suas várias edições, a *Revista Adventista* costumava falar esporadicamente a respeito do tema dos desenhos animados. A IASD sempre esteve preocupada com a utilização da mídia para a pregação de sua mensagem. Segundo pesquisas recentes, a exemplo da pesquisa de Allan Novaes e Felipe Carmo, a denominação nem sempre consegue se relacionar de maneira pacífica com a mídia devido a alguns pressupostos teológicos que interferem na sua relação com a cultura. Objetivando entender mais da relação IASD/Desenhos, foi realizada uma pesquisa com o vocábulo “Desenhos animados” e suas ocorrências em todas as edições da RA. Ao final foram analisadas e distribuídas em dois grandes blocos (visão demonizante e visão tolerável) e subdivididos novamente de acordo como essa visão era colocada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista Adventista; Mídia e Religião; Desenhos Animados.

### Introdução

Desde o fim do século 19 e sua invenção por Émile Reynald (SILVA, 1990, p. 37) os desenhos animados vêm tomando espaço no mundo todo, atraindo a todos os tipos de pessoas. Com o advento do cinema e outras tecnologias que intencificaram o potencial deste entretenimento passamos a ter uma série de conflitos que foram relacionados com a mídia e os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Este conflito se principalmente do fato que a Igreja Adventistas do Sétimo Dia são uma igreja que acredita na Bíblia Sagrada como a Palavra de Deus escrita e são fontes de autoridade divina, isto é, Deus revela Sua vontade através dela (GRELLMANN, 2008,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016

<sup>2</sup> Bacharelado em Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). E-mail: leonardo\_holandaesilva@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Bacharelado em Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). E-mail: fjabeira@gmail.com

<sup>4</sup> Tem se IASD como a abreviatura mais popular de Igreja Adventista do Sétimo Dia.

p. 11, 20 e 21), e não se encontra nela nenhuma citação direta sobre o uso da televisão, principalmente por não haverem televisões naquele período.

Este conflito não se manteve distante da realidade dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ver BORGES, 2005). A *Revista Adventista*, por exemplo, é considerada atualmente como o principal meio de formação de opinião dos membros da Igreja Adventista do Sétimo dia (BENEDICTO; BORGES, 2016). Esta revista que já conta com mais de 100 anos se envolveu diretamente neste conflito mídia x igreja, inclusive o professor Allan Novaes do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) teve sua tese de doutorado baseada no problema Cristo-Cultura (ideia retirada da obra de H. Richard Niebuhr) aplicada na televisão e seu relacionamento com a Igreja Adventista do Sétimo Dia (PARADELLO, 2016). Este conflito pode ser observado na pesquisa “As histórias em quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações na *Revista Adventista* (CARMO; NOVAES, 2015, p. 1156-1158). Na pesquisa Allan Novaes e Felipe Carmo analisaram as ocorrências do assunto em edições dos anos de 1942 até 2014 constando que os quadrinhos foram mencionados através de uma perspectiva demonizante e depois então são vistos de uma perspectiva sacralizada.

Por conseguinte a presente pesquisa reproduziu a mesma metodologia para os desenhos animados usando, porém, os vocábulos “Desenhos animados”, “Animes”, “Animação infantil” e “Cartoon”. A primeira ocorrência de um desses vocábulos foi encontrada em 1970 e a última em 2015. As ocorrências serão analisadas por tópicos que visam observar qual o rótulo é deixado para os desenhos animados em cada citação e então será analisado a época onde os desenhos animados eram vistos como algo nocivo e qual a época em que foram vistos como algo tolerável.

## **1. Os desenhos animados com uma perspectiva demonizante (1970-2007)**

Semelhante ao que foi encontrado por Carmo e Novaes (2015, p. 1158) inicialmente a revista compara os desenhos animados com comportamentos delinquentes. A primeira citação em si é encontrada na edição de março de 1970 na sessão “De interesse especial” e inicia um bloco onde os desenhos animados são rotulados de uma

fonte de comportamento violento. Esta citação é retirada do jornal Estado de São Paulo da edição que foi impressa do dia 29/09/1969. Nesta citação, fala sobre a Comissão Nacional Sobre a Violência dos Estados Unidos que fez uma série de recomendações para a juventude sobre a violência na mídia logo após a morte do senador Roberto Kennedy, dentre estas recomendações estava “a proibição de desenhos animados que contenham violência séria e não comicidade” (CONRADO; TREZZA, 1970, p. 35).

Outra citação ligando os desenhos animados com a origem de comportamento violento é visto na edição de maio de 1985 em uma entrevista com Therezinha Silva que foi obreira ativa da igreja desde 1957 e licenciada em letras pela UFMT. Ao ser questionada se a televisão interfere na educação das crianças a resposta foi que a interferência era “enorme”. Ela também considera que prejudica a concentração e a acuidade. E ao se referir aos desenhos animados diz: “Isso sem contar as influências negativas – violência, maldade, etc. – que os personagens exercem sobre as crianças, principalmente nos casos de desenhos animados” (LESSA, 1985, p. 7).

Na edição de março de 2015 novamente os desenhos animados são comparados a um veículo de comportamento violento. Embora não tente proibir diretamente que as crianças tenham contato com os desenhos animados alerta os pais para que tenham muito cuidado com o que deixam seus filhos verem. A autora faz uma comparação de filmes infantis e filmes de temática mais adulta e violenta dizendo: “O estudo realizado [...] compreende a análise de 45 filmes infantis que vão do clássico *Branca de neve* (1937) ao contemporâneo *Frozen* (2013). [...] Segundo os pesquisadores, os desenhos tem mais violência e assassinatos do que muitos filmes para adultos, incluindo as renomadas produções *Pulp Fiction* (1994), O exorcismo de *Emily Rose* (2005) e *Cisne Negro* (2011)”. A autora conclui seu artigo dizendo: “Os desenhos violentos afetam também as crenças e valores das crianças. É o que defende Henry Giroux, um dos maiores representantes da teoria crítica educacional da atualidade.” (CASTELÃO, 2015, p. 36).

A segunda ênfase negativa encontrada é a ideia que os desenhos animados trazem malefícios para formação intelectual da criança. Na seção anterior onde foi vista

a relação dos desenhos animados como um veículo de comportamento violento a entrevistada Therezinha Silva também coloca os desenhos com essa perspectiva:

“A interferência é enorme. Primeiramente acaba com o diálogo entre pais e filhos — muitas famílias só conversam nos intervalos dos programas de televisão. Ela desestimula a criança a estudar e a cumprir as tarefas escolares. Tira inclusive o gosto de a criança ir à Igreja — ela sabe antecipadamente e não quer perder tudo que vai passar no sábado. Prejudica a concentração e a acuidade, uma vez que na televisão está tudo pronto, não precisa forçar, ler ou escrever” (LESSA, 1985, p. 7).

Também está na edição de julho de 1984 (WALDVOGEL, 1984, p. 46) uma comparação muito interessante onde o autor cita um artigo do jornal *O município* que faz semelhança do ato de assistir muitos desenhos animados do “método de encolher cabeças” pela tribo dos Jivaros, uma tribo de canibais que vivia nas Guianas, ele inclusive chega a citar o processo:

“O processo de encolhimento de cabeças era meticuloso e demorado. A vítima, o inimigo, era morto a flechadas. A cabeça, devidamente separada do corpo, era propriedade do guerreiro. O resto virava o jantar democrático da tribo. A cabeça, depois de mergulhada em preparados de ervas durante alguns dias, sofria a remoção dos ossos, restando a carcaça externa de pele e músculos. Depois, num trabalho de paciência, era recheada por areia quente, substituída frequentemente. Conseguia-se assim a redução da cabeça ao tamanho de uma laranja, mantendo as características do rosto da vítima” (WALDVOGEL, 1984, p. 46).

Este ritual era feito pelos guerreiros de modo que o guerreiro com mais cabeças fosse temido e respeitados. Obviamente aqui não é comparado crianças com canibais, mas sim como crianças que perdem inteligência ou criatividade pelo excesso de tempo gasto com desenhos animados, especificamente citando desenhos de super-heróis. Esta comparação foi feita pelo Dr. Flávio R. Marci, em no periódico *O município* da edição de 31/12/1983 (WALDVOGEL, 1984, p. 46).

Uma nova posição negativa referente aos desenhos animados se encontra na edição de janeiro de 1990, no artigo de Rodrigo P. Silva intitulado “A face oculta dos desenhos e gibis”. A partir daí os desenhos animados são conectados a uma visão de

ocultismo e nova era, sempre sendo rotulados de ferramentas de Satanás. O relato conta sobre a criação dos desenhos animados por Emile Reynaud como algo inocente que foi deturpado. Essa deturpação foi ligada a E. Cohl em 1908 originária da França onde o autor faz questão de dizer ser a capital mundial do ateísmo. E desde essa deturpação o autor diz que a decadência atingiu níveis absurdos onde se acham cenas de apologia ao espiritismo e misticismo, colocando alguns dos vilões principais como vilões de Cristo.

Posteriormente, o autor compara os desenhos animados como pequenas armas para enganar os jovens cristãos: “Logo, devemos esperar que Satanás lance sobre nós não somente bombas atômicas, mas também pequenos fogos de artifício, que podem até não matar, mas causam queimaduras dolorosas” (SILVA, 1990, p. 37.) Após citar desenhos como *Thundercats* e *He-man* como algo totalmente herege é falado sobre os heróis nunca pedirem auxílio a Jeová, seus poderes são sempre pessoais. O autor cita então um estudo dizendo que a televisão tem muito poder sobre a mente de uma pessoa. Então o autor encerra com citações da escritora Ellen G. White sobre o poder da contemplação e uma exortação para não se cair também no fanatismo, embora conclua dizendo sobre os heróis nunca morrerem e novamente se fala sobre essa influência negativa dos cartoons (SILVA, 1990, p. 37-39).

Essa visão negativa se encontra novamente na edição de junho de 1993 da revista. Desta vez a entrevistada era Áurea Monteiro Soares (cursada em pedagogia, relações humanas, psicologia social e pós graduada em educação na Andrews University) falando sobre o tema de Nova Era ‘Nova Era’ ” (LESSA, 1993, 5 e 6). O tema relacionou amplamente a mídia com este tema, tratando mais uma vez demonizadamente, fazendo menções semelhantes ao da fonte anterior. A entrevista diz inclusive quando esta tendência começou: “Alice Bailey, uma das pioneiras desse movimento, numa sessão espírita, foi informada sobre o papel das crianças na preparação da humanidade para a ‘Nova Era’ ” (LESSA, 1993, 5 e 6).

Essa visão dos desenhos animados como instrumentos de Satanás para infundir nas mentes das crianças e jovens pensamentos demoníacos aparece novamente na edição de fevereiro de 1997, após aparentes quatro anos de silêncio. Novamente a visão é dada em uma entrevista. Desta vez os desenhos são ligados a um meio de influência

que introduz para as crianças “as primeiras primeiras lições elementares sobre ocultismo” (LESSA, 1997, p. 6). O entrevistado foi Manuel Vasquez, na época vice-presidente da Divisão Norte Americana da IASD<sup>5</sup>, que se dizia estudioso profundo do assunto e também foi escritor do livro *The Dangerous Within* (“O perigo interior”). Este livro se propõe a analisar os métodos utilizados por Satanás para confundir as pessoas incautas e cristãos bem intencionados.

O verbete “desenhos animados” ligado ao conceito de ocultismo e nova era apareceu novamente na edição de março de 2006, nove anos após a sua última aparição. Desta vez ele se encontra em uma seção que está fazendo uma propaganda do livro de Michelson Borges *Nos bastidores da mídia*. O livro trata sobre uma perspectiva geral da mídia sendo ela acusada de custar a espiritualidade do cristão, mas por se tratar de uma propaganda não entra em detalhes específicos (NOVAES, 2006, p. 13).

A última consideração diretamente negativa com a visão de desenhos animados como Instrumentos de Satanás se encontra na edição de dezembro de 2007 no reportagem de Felipe Lemos sobre o encontro criacionista que ocorreu 27 e 28 de outubro em Santa Catarina. A visão negativa sobre os desenhos animados se dá na palestra do comunicador Michelson Borges que diz que os desenhos animados são usados como veiculadores da ideia do evolucionismo<sup>6</sup> (LEMOS, 2007, p. 29).

A próxima aparição desta ideia de que os desenhos animados adicionam ideias ocultistas na mente das crianças foi no mês de julho de 2006 onde Paulo Roberto Pinheiro, na época editor de livros na Casa Publicadora Brasileira e autor do livro *Explosão Jovem*, fala sobre as descobertas da psicologia sobre o desenvolvimento do cérebro e a criatividade. Em seu artigo o autor alerta para o perigo dos desenhos animados como um sobrecarregador do imaginário infantil com coisas de temas ocultistas e fantasiosos. De acordo com eles essas fontes não distinguem o que é certo e o que é errado e deixa as crianças escravizadas naquela necessidades desses estímulos (PINHEIRO, 2006, p. 38).

---

<sup>5</sup> A sigla IASD será utilizado como uma abreviação para “Igreja Adventista do Sétimo Dia”.

<sup>6</sup> Para aqueles que enxergam a Bíblia como uma revelação de Deus em sua totalidade e não consideram o relato da criação encontrado em Gênesis 1 e 2 como literal (caso da IASD) ensinar o evolucionismo é normalmente visto como algo totalmente nocivo à mente dos jovens.

## **2. Os desenhos animados com uma perspectiva sacralizada (2012-2015)**

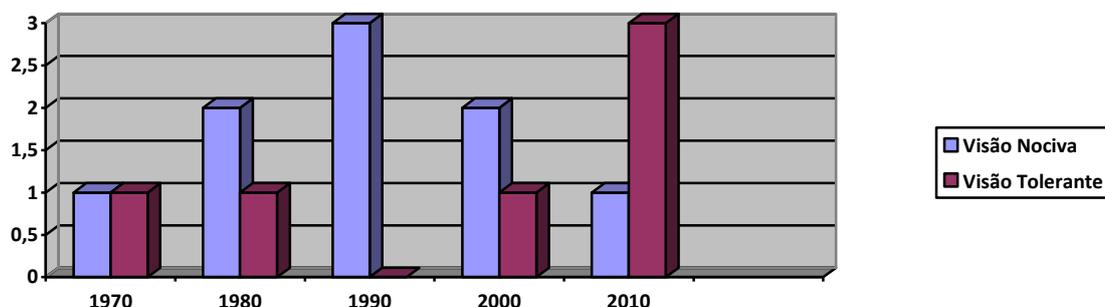
Os desenhos animados de uma perspectiva sacralizada são encontrados como ilustrações de algum tema, isso aparece pela primeira vez na edição de setembro de 1971 onde é colocada a história de Walt Disney como algo inspiracional para jovens, sendo Walt Disney alguém que teve sucesso na vida, pois perseverou no seu sonho de produzir desenhos animados (BELZ, 1971, p. 15). Outra autora que usa os desenhos animados como ilustração é vista na edição de setembro de 2012. Ágatha Lemos escreve uma reflexão de título “A lâmpada mágica” onde usa os desenhos animados visivelmente seculares como uma ilustração para seu raciocínio, além de Woody Allen. Desta vez a autora compara Deus como um gênio da lâmpada, não um que atende todos os pedidos, mas como um Deus que houve todas as orações (LEMONS, 2012, p. 38).

A próxima aparição de um dos verbetes ligada a uma utilização dos desenhos animados como ilustração de uma ideia ocorre na edição de agosto de 2014, onde Eduardo Rueda conta sobre uma de suas brincadeiras de infância que foi inspirada em desenhos animados de super heróis para ilustrar o conceito de cosmovisão. Esse citação não mostra de modo nenhum os desenhos animados como algo danoso para o crescimento do autor, ao contrário, diz que foi algo que estimulou sua criatividade. O autor então prossegue o tema falando sobre a cosmovisão bíblica (RUEDA, 2014, p. 42).

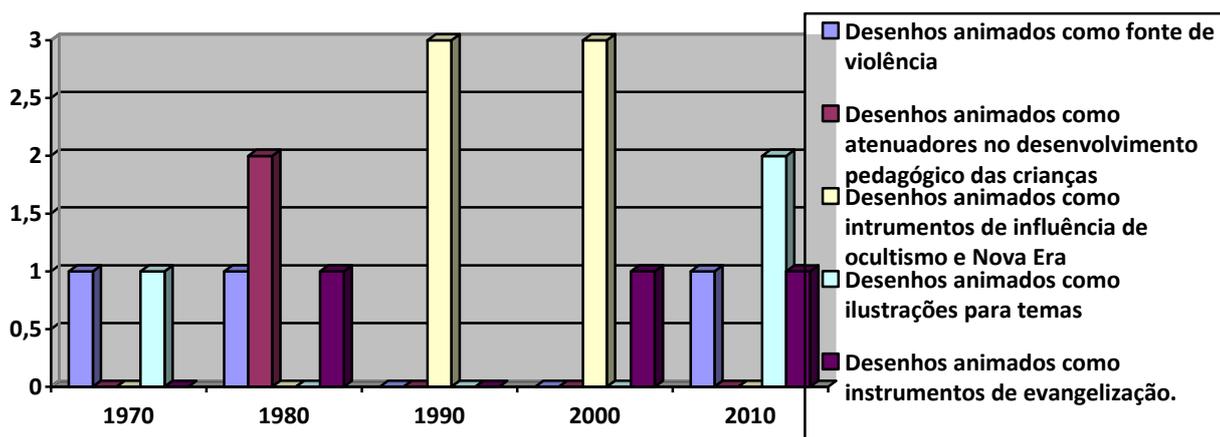
Também é encontrada uma utilização dos desenhos animados como um veículo para se evangelizar ou ensinar, a primeira aparição desse método foi no plano evangelístico da Associação Paulista Sul da IASD (LESSA, 1987, p. 34). Novamente isso ocorre quando em abril de 2006, Heron Santana ao descrever uma campal que ocorreu no município de Guarunhuns cita as mensagens do Pr. Odailson Fonseca (provável orador principal do evento) em que é dito falado “A preocupação de alertar os jovens sobre os riscos da cultura *pop* [...]” e para atingir seu objetivo o orador fez uso de vários recursos, entre eles “recursos multimídia (músicas, filmes, animações e projeções digitais)” (SANTANA, 2006, p. 27). A última ocorrência deste aparece então na edição

de novembro de 2015, Cidral (2015, p. 29) relata sobre o campori<sup>7</sup> que ocorreu no sul do Brasil e envolveu mais de 20 mil desbravadores<sup>8</sup> como tendo sido impactado pela dramaturgia e contou com vários meios de representação dos textos bíblicos, entre eles foi utilizado desenho animado.

### Distribuição das citações graficamente por décadas (Visão demonizante e visão sacralizada)



### Distribuição da citações graficamente por grandes blocos em cada década



### Considerações finais

<sup>7</sup> Acampamento que serve de reunião de vários clubes de Desbravadores da IASD.

<sup>8</sup> Desbravadores são um grupo de jovens da IASD que têm uma rotina semelhante à dos escoteiros, porém com um cunho evangelístico.

Após analisar as citações dos verbetes e dividi-los em dois grandes blocos (visão demonizante e visão sacralizada) foi notado que o ponto de vista da revista variou com o tempo, mas nunca houve uma aceitação total dos desenhos animados, visto que eles são vistos positivamente somente quando utilizados como meios de ensino ou evangelísticos da própria igreja e também sendo que até em 2015 houve reportagens com a preocupação na seleção dos desenhos animado. Porém vale notar que a variação foi tanta que na seleção de uma reportagem de outro jornal feita por Luiz Waldvogel (1984, p. 46) e a entrevista de Therezinha Silva (LESSA, 1985, p. 7) consideram os desenhos animados como um atenuador da capacidade mental e imaginação (no caso de Waldvogel a ênfase é dada em desenhos animados de super-heróis), porém o autor Eduardo Rueda (2014, p. 42) comenta como sua imaginação fluía em suas brincadeiras através dos referenciais do que via nos desenhos animados.

Ao se analisar os dois principais blocos nota-se que eles também se subdividem. Os principais motivos para os desenhos animados serem considerados nocivos são subdivididos em 3 blocos: os desenhos animados como geradores de comportamentos violentos, os desenhos animados como impecílios para o desenvolvimento pedagógico das crianças e como fonte de conhecimento visível ou subliminar de conceitos da nova era. Já na visão sacralizada as citações foram subdivididas em 2 grandes blocos: os desenhos animados sendo usados como ilustrações e os desenhos animados sendo utilizados como meios de ensino ou evangelização.

Segunda a divisão gráfica por décadas foi possível perceber que a visão demonizante dos desenhos animados esteve em ascensão até atingir o seu pico na década de 90, nesta época estava em alta a consideração dos desenhos animados como instrumentos das mentalidades de Nova Era e ocultismo (essa visão segue forte até a próxima década). Houve então um declínio nas décadas de 2000 e 2010 nas visões demonizantes e então o protagonismo ficou com a visão sacralizada onde houveram algumas ilustrações de ideias através dos desenhos animado, mas predominantemente foi visto o uso dos desenhos animados como ferramenta de ensino e evangelização. Ao final desta análise é possível ver que a IASD no Brasil através da *Revista Adventista* nunca abandonou totalmentea a ideia de desenhos animados como algo nocivo, embora

tenha passado a tolerar até certo grau e também a utilizá-los como ferramentas evangelísticas nas últimas duas décadas.

## **BIBLIOGRAFIA**

BELZ, C. C. Derrotas e Vitórias. **Revista Adventista**, p. 14 e 15, Santo André, SP,, setembro, 1971.

BENEDICTO, M.; BORGES, M. Um século. **Revista Adventista**, Tatuí, SP, p. 8–13, Jan de 2016. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/media/arquivos/um%20seculo.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

BORGES, M. **Nos bastidores da mídia**: como os meios de comunicação afetam a mente. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

CONRADO, N. G; TREZZA, C. A. A Televisão Encoraja o Crime na Vida Real. **Revista Adventista**, p. 35, Santo André, SP, março, 1970.

CARMO, F.; NOVAES, A. As histórias em quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações na Revista Adventista. In: 28º Congresso Internacional da SOTER, 2015, Belo Horizonte. Anais [...] Belo Horizonte, MG: PUC MINAS, 2015. p. 1156-1164.

CASTELÃO, T. B. Proibido para menores: Muitos desenhos animados tem mais violência do que filmes para adultos. **Revista Adventista**, p. 36, Santo André, SP, março, 2015.

CIDRAL, G. Festa de barracas: Batismos, ações sociais e um espetáculo de dramaturgia marcaram evento que reuniu 20 mil desbravadores do Sul do Brasil. **Revista Adventista**, p. 29, Santo André, SP, novembro, 2015.

GRELLMANN, H. L. **Nisto Cremos**: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

LEMOS, A. A lâmpada mágica. **Revista Adventista**, p. 38, Santo André, SP, setembro, 2012.

LEMOS, F. Encontro criacionista discute religião e ciência em SC. **Revista Adventista**, p. 29, Santo André, SP, dezembro, 2007.

LESSA, R. S. Diálogo: O segredo da Educação. **Revista Adventista**, p. 5-7, Tatuí, SP, maio, 1985.

LESSA, R. S. Paulista Sul está preparando video cassetes evangelísticos. **Revista Adventista**, p. 34, Tatuí, SP, dezembro, 1987.

LESSA, R. S. Nova Era: Um Alerta aos pais. **Revista Adventista**, p. 4-6, Tatuí, SP, junho, 1993.

LESSA, R. S. Nova Era: Espiritismo Disfarçado. **Revista Adventista**, p. 37-39, Tatuí, SP, fevereiro, 1997.

NOVAES, A. A mídia e o grande conflito. **Revista Adventista**, p. 13, Tatuí, SP, março, 2006.

PARADELLO, J. **Pesquisador explora relação entre adventistas e a mídia**: Estudo ajuda a compreender o pensamento da denominação a respeito do assunto e as mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas. Notícias Adventistas, junho, 2016. <<http://noticias.adventistas.org/pt/noticia/gente/pesquisador-explora-relacao-entre-adventistas-e-midia/>>. Acesso: em 20/06/2016.

PINHEIRO, P. R. A imaginação infantil: Riscos da fantasia no aprendizado. **Revista Adventista**, p. 38, Santo André, SP, julho, 2006.

RUEDA, E. Espiritualidade hebraica. **Revista Adventista**, p. 42, Tatuí, SP, agosto, 2014.

SANTANA, H. Força Espiritual: Campal de Pernambuco motiva mais de 4 mil jovens para uma vida diária com Deus. **Revista Adventista**, p. 27, Tatuí, SP, abril, 2006.

SILVA, R. P. A face oculta dos desenhos e gibis. **Revista Adventista**, p. 37-39, Tatuí, SP, janeiro, 1990.

WALDVOGEL, L. Problemas da juventude. **Revista Adventista**, p. 46, Santo André, SP, julho, 1984.